

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOS



PPG
LETRAS
CURSO DE LETRAS

OS BURACOS DO ESPELHO: UM ESTUDO LITERÁRIO E LINGUÍSTICO DO POEMA DE ARNALDO ANTUNES

THE HOLES OF THE MIRROR: A LITERARY AND LANGUAGE STUDY OF THE POEM OF ARNALDO ANTUNES

Cristiane de Oliveira Eugenio¹ (UPF)
Édina Menegat Mecca² (UPF)

RESUMO

Considerando que Arnaldo Antunes vem se destacando como um artista plural no que diz respeito ao tipo de trabalho que realiza, escolheu-se investigar um de seus poemas “Os buracos no espelho” do ponto de vista linguístico e literário. Objetivou-se discutir de que maneira Arnaldo Antunes construiu nesse texto sua narrativa poética e de que recursos linguísticos lançou mão para arquitetar um texto tanto lírico quanto pragmático. Para tanto, utilizou-se para analisar a estrutura do gênero e a organização e produção de sentido do texto autores como Santaella (2012), Reis (1997), Moisés (2000), Fiorin (2003), Saussure (2012), Manguel (2004) entre outros. Desse modo, observou-se que o poeta utiliza a relação semiótica e paradigmática do signo, construída pela intertextualidade, dentro da estrutura sintagmática e paradigmática para provocar determinados efeitos de sentido, o que permite concluir que o poema em análise se trata de um texto lírico denso e carregado de significados e inferências.

Palavras-chave: Arnaldo Antunes. Signo Literário. Sintagma. Paradigma. Intertextualidade.

ABSTRACT

Considering that Arnaldo Antunes has been standing out as a plural artist with regard to the type of work he does, we chose to investigate one of his poems "The holes in the mirror" from a linguistic and literary point of view. The objective was to discuss how Arnaldo Antunes constructed in this text his poetic narrative and of which linguistic resources he came up with to architect a text both lyrical and pragmatic. For this purpose, authors such as Santaella (2012), Reis (1997), Moisés (2000), Fiorin (2003), Saussure (2012), Manguel (2004) and others were used to analyze the structure of the genre and the organization and production of meaning of the text. In this way, it was observed that the poet uses the semiotic and paradigmatic relation of the sign, constructed by intertextuality, within the syntagmatic and paradigmatic structure to provoke certain effects of meaning, which allows to conclude that the poem in analysis is a lyrical text dense and full of meanings and inferences.

Keywords: Arnaldo Antunes. Literary Sign. Phrase. Paradigm. Intertextuality.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo-UPF e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. E-mail: cris.e.prenda@hotmail.com.

² Graduada em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões: URI e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade de Passo Fundo. E-mail: edinamm@yahoo.com.br.



Desde que deixou a banda Titãs e decidiu dedicar-se à carreira solo, Arnaldo Antunes vem chamando a atenção dos críticos. Seu jeito autêntico de dançar, vestir-se, cantar, e seu talento que transcende os suportes convencionais e atinge a arte, cultura, música e poesia em uma pluralidade de estilos e autenticidade na produção de sentidos são acompanhadas de multidiscursividade e intertextualidade.

Dentre as muitas composições do artista, tanto sonoras quanto gráficas, optamos por analisar o poema “Os buracos no espelho”, poema/letra que compõe o CD “Silêncio”, lançado em 1996. Objetivamos investigar nesse texto que recursos linguísticos e literários devem ser considerados para a construção de um poema, levando em consideração pressupostos, subentendidos e intertextualidades. Para mais, buscamos analisar de que maneira Antunes organiza as palavras de modo que elas possam contribuir formando um sistema harmônico, em que o poeta possa expressar ao mundo e a si próprio.

Para tanto, lançaremos mãos das teorias de autores tanto dedicados à linguística como à literatura. Desta maneira, fundamentaremos a observação tanto da construção da narrativa poética, quanto da pragmática, bem como da relação discursiva enunciativa e dialógica estabelecida pelo texto com ele próprio, com o leitor e com outros textos.

Para que esta análise fosse factível, optamos por dividir o presente artigo em duas seções. Na primeira delas, intitulada “Arnaldo Antunes: do gráfico ao sonoro, um artista multifacetado” traremos uma breve análise acerca de algumas composições de Antunes, bem como características singulares do poeta que lhe concedem a alcunha de ser multifacetado, colocando-o em uma posição de poeta contemporâneo.

Intitulamos a segunda seção de “Um olhar linguístico e literário de ‘Os buracos no espelho’”. Neste espaço, traremos à discussão os aspectos literários que constituem o texto de Antunes como um poema, bem como as particularidades que garantem a ele literariedade. Além disso, também observaremos os efeitos de sentido causados pela intertextualidade apresentada, através do viés do signo linguístico e da relação sintagmática e paradigmática, a qual garante ao signo o estabelecimento de interpretações pragmáticas.

2 ARNALDO ANTUNES: DO GRÁFICO AO SONORO, UM ARTISTA MULTIFACETADO



Conhecido por muitos como um dos líderes e fundadores da banda nacionalmente reverenciada como um ícone do rock brasileiro: Os Titãs, Arnaldo Antunes também desponta na carreira solo no cenário artístico e cultural como um artista de múltiplos talentos. O músico, cantor, poeta/compositor conseguiu estabelecer um vínculo entre as diferentes manifestações da linguagem ao trazer aspectos outrora pertencentes apenas à literatura para a música.

Através de uma imbricação entre a sonoridade das composições, os efeitos de sentido criados através da justaposição de palavras e organização de figuras de linguagem, além de muita linguagem poética e filosófica, Antunes permite que seu leitor/fã realize várias leituras, o que evidencia seu talento e seu caráter multifacetado. Para Luís Augusto Fischer,

a poesia brasileira demonstra vitalidade e boa saúde. Sem falar nos poetas de obra já consolidada da geração nascida nos anos 1930 e 1940 (Carlos Nejar, Ivan Junqueira, Sebastião Uchoa Leite, Armando Freitas Filho, Bruno Tolentino, Roberto Piva, Affonso Romano de Sant'Anna), muito mais gente veio vindo e mostrando credencial, na geração rock'n'roll de Waly Salomão, Cacaso, Paulo Leminsky, Ana Cristina César, Francisco Alvim e outros que, namorando com a canção (caso notável de Arnaldo Antunes, Antônio Cícero e Paulo Neves), mantêm ainda residência fixa no mundo da poesia de livro. (FISCHER, 2008, p. 101).

O crítico literário ainda segue argumentando que o fato de incluir nomes como o de Arnaldo Antunes entre os poetas que há quase dez anos destacava-se entre os nomes que mantinham “com boa saúde” a poesia brasileira devia-se ao fato de que “poeta mesmo, salvo gênio que brota espontâneo, só aparece de fato é na permanência, na duração de sua obra, na capacidade de continuar falando para as novas gerações de leitores.” (FISCHER, 2008, p.101). Desde então, Antunes ainda fala para as novas gerações, com novas composições ou textos compostos em outras décadas, entretanto, em diversos meios, tanto com a poesia de livro como com a arte contemporânea em diferentes suportes.

Ao pensarmos poesia como a expressão do “eu” poético, parece-nos que muito mais do que falar ao outro, o poeta fala a si mesmo quando relata a maneira de ver o mundo e a si próprio através da manipulação de palavras e de efeitos de sentido. Acreditamos que esta afirmação esteja refletida no corpus de análise deste artigo “Os buracos no espelho”³ - considerando o fato de espelho refletir nossa própria imagem.

³ Texto que se tornou canção no CD “O Silêncio” de Arnaldo Antunes, que doravante será tratado como poema.



A respeito da definição de poema, Massaud Moisés afirma:

Ao sistema harmônico de palavras (metáforas e termos de ligação) através das quais o ‘eu’ do poeta se expressa em seu conteúdo e em seu intrínseco ritmo, dá-se o nome de *poema*. Portanto, o poema seria a tentativa empreendida pelo poeta no sentido de representar seu mundo interior: uma súpula de sinais, de metáforas. (MOISÉS, 2000, p. 88, grifo do autor).

Isto posto, ao trazer à discussão letras que tratam tanto de coisas simples do cotidiano, como em a canção “Lavar as mãos”, ou canções profundamente reflexivas e tocantes como “Socorro”; além de vários poemas que contemplam também a construção gráfica e multimidiática, o ciberpoeta posiciona-se em suas composições de forma particular, irreverente, e, para alguns críticos: até mesmo dono de um estilo “Arnaldo Antunes de ser” capaz de causar um pouco de estranhamento.

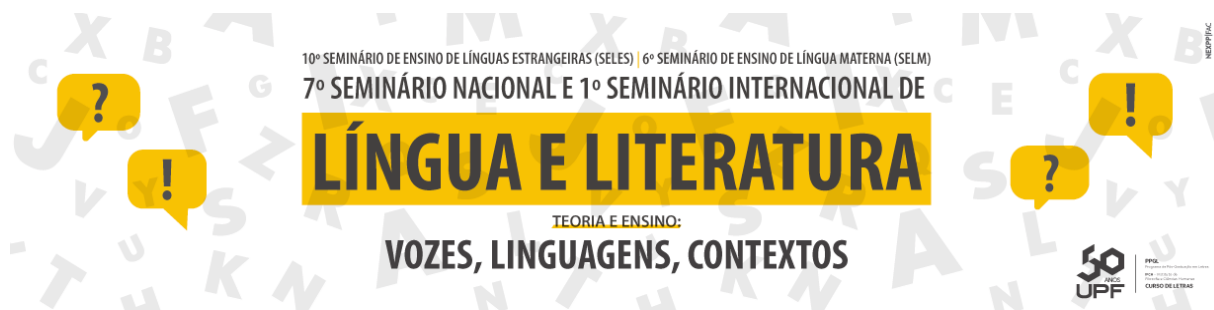
Não obstante, o inegável é que as composições, tanto musicais, quanto de poesia e arte atingem o objetivo de despertar no seu leitor catarse através de sua expressão artística, a qual abarca tanto signos verbais quanto não verbais. Aliás, em Antunes, tudo é signo, tanto as ausências quanto as presenças, a exemplo da música “Silêncio”, de álbum de mesmo nome, em que o eu-lírico diz “vamos ouvir esse silêncio meu amor/amplificado no amplificador”.

Uma das características do artista que contribuem para que ele se destaque como um expoente na contemporaneidade é, sem dúvida, o diálogo que estabelece com a tecnologia e as diversas concepções de leitura de mundo e de si mesmo em um movimento contínuo e circular de sentido. Para Gardel⁴

Arnaldo não é mais um epígono dos concretos, sua postura estética é, na verdade, pós-concreta [...]. Mas a base é uma só: o instrumental lingüístico e semiótico; a inserção da escrita ideogramática na escrita alfabética, que incorpora a estrutura analógica à lógica discursiva ocidental, subvertendo sintaxes, núcleos vocabulares; a pesquisa gráfica revitalizando o verbal; a contaminação multimeios; a poesia visual construtivista; a *proesia*; a busca isomórfica de significação entre signo verbal e referente, similaridades fônicas e ambigüidades semânticas etc. (GARDEL, 2006).

Dessa forma, é evidente que o poeta desdobra-se em multiculturalidade e em construções multidiscursivas. Ao explorar a partir de seu próprio viés todas as possibilidades

⁴ André Gardel é Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ, autor de *O Encontro entre Bandeira & Sinhô*, poeta e compositor de música popular.



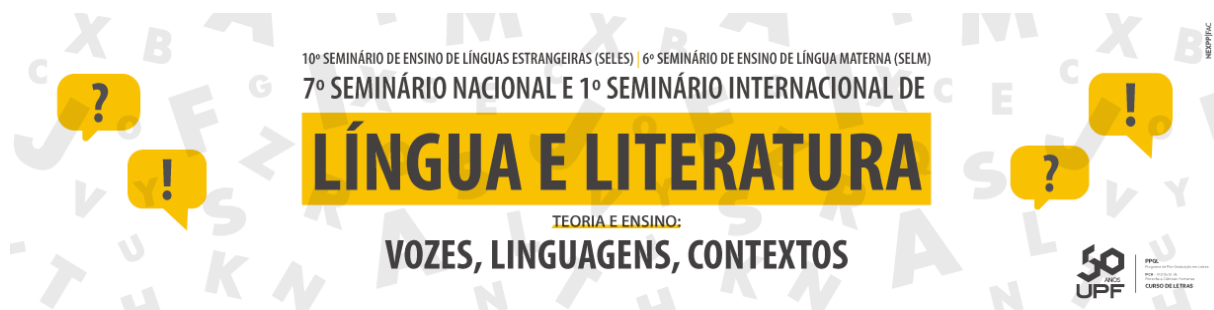
de construções sintagmáticas e semióticas, o artista trabalha a construção de pressuposto e subentendidos, misturando sensações e percepções em um movimento de sinestesia e personificações, como no fragmento “A casa é sua/Por que não chega logo?/Nem o prego aguenta mais/O peso desse relógio” da música “A casa é sua”.

Muito além de suas músicas, poesia, e composições gráficas, o todo enquanto sujeito de Arnaldo Antunes é um recorte de estilo e mescla de apropriações culturais. Das roupas exclusivas - como a utilizada na gravação do álbum “Ao vivo lá em casa”, cujo terno cinza, alinhado e discreto era confrontado com a manga direita vermelha - ao cabelo com um corte diferenciado e assimétrico, seu estilo é único e dicotômico. As coreografias repetitivas e seu estilo próprio de dança também ajudam a compor seu perfil.

Esse estilo “Arnaldo Antunes” é arquitetado por um timbre de voz que vai do agudo ao grave em favor de arranjos criativos e autênticos, que traz contrapontos, como ao citar Einstein, Freud e Platão versus Hitler, Bush e Sadam Hussein na condição de já terem sido “neném”, ou ainda quando relaciona na canção “Saiba”, o fato de que tanto Nietzsche e Simone de Beauvoir quanto Fernandinho Beira-Mar já tiveram medo. Podemos constatar que não são apenas encadeamentos rítmicos, mas sim concatenações carregadas de sentido, as quais devem ser preenchidas pelo leitor a fim de construir a textualidade do poema.

Podemos afirmar, ainda, que, além de caráter discursivo, os versos de Arnaldo Antunes trazem consigo características enunciativas, pois o enunciador do discurso posiciona-se como “eu” e instaura o “tu” na enunciação, através de uma relação dialógica. Para Zilberman (2011, p. 90), “a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é dialógica” - como acontece na última estrofe da canção ao trazer o “saiba” instituindo diálogo com seu enunciatário na canção homônima: “Saiba, Todo mundo teve mãe/ Índios, africanos e alemães/ Nero, Che Guevara, Pinochet/ e também eu e você.” Esse caráter discursivo enunciativo confirma-se pela ótica de Fiorin ao afirmar que

enunciador e enunciatário correspondem ao autor e leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à imagem do autor e do leitor construídas pela obra. O enunciatário como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige. (FIORIN, 2003, p.163).



Diante do exposto, analisar as composições de Arnaldo Antunes sob a égide dos conceitos de pluralidade e complexidade torna-se muito mais do que relacionar a letra/poema com literatura. Neste estudo, cabe também posicioná-la no eixo sintagmático e paradigmático de construções que desafiam a interpretação superficial e fazem da constituição lírica da poesia de Antunes uma composição ímpar e pragmática.

3 UM OLHAR LINGUÍSTICO E LITERÁRIO DE “OS BURACOS NO ESPELHO”

Sabemos que literatura é, como já afirmou Cosson (2006, p.34), um sistema que abarca muitos outros sistemas. Para compreendê-la é necessário olhar além de “um conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país”, indo, destarte, da valorização do cânone ao contemporâneo, desde que as obras sejam atuais, a fim de despertar o consequente interesse na leitura. Nesse ínterim, podemos ainda lembrar Alberto Manguel quando contava do significado que a leitura tinha para os escravos, cujos “donos” acreditavam no poder da palavra escrita e temiam a significação de liberdade que a ela estava relacionada:

Sabiam, muito mais do que alguns leitores, que a leitura é uma força que requer umas poucas palavras iniciais para se tornar irresistível. Quem é capaz de ler uma frase é capaz de ler todas. Mais importante: esse leitor tem agora a possibilidade de refletir sobre a frase, de agir sobre ela, de lhe dar um significado. (MANGUEL, 2004, p.163).

Assim, é relevante que analisemos o corpus em questão pelo viés de leitura literária, uma vez que há a necessidade de que o leitor vá preenchendo as lacunas que faltam. Esta ação demonstra a competência em identificar a polissemia, ou seja, a multissignificação das palavras, como afirma Zilberman ao pontuar sobre os pontos de indeterminação que constituem o texto literário, defendendo a ideia de que o leitor, ao preencher essas lacunas,

concretiza as expectativas do mundo ficcional representado. Logo, as reações do leitor são determinadas pela estrutura do texto, que contém indeterminações, bem como orientações, códigos, estratégias e comentários; mas o leitor participa da construção do texto quando traz para dentro dele seus próprios códigos. (ZILBERMAN, 2011, p.89).



No dizer de Judith Langer (2005, p. 62), “existe uma linha frágil e oscilante entre uma representação idiossincrática adequada (ou provavelmente adequada) e uma que tenha se permitido vaguear por um outro mundo, no qual a experiência literária, ela mesma, é perdida.”

Ora, se todos os contextos precisam ser considerados no momento da leitura, inclusive gostos pessoais, afinidades e idiossincrasias do sujeito enquanto leitor e produtor de sentido, é relevante que consideremos que todo texto que apresenta subjetividade, à nível de invenção, pertence ao lírico. Dessa forma, sob as palavras de Zilberman (2011, p. 90), ler torna-se pensar com o pensamento do outro, portanto, “a leitura implica aprendizagem, quando a subjetividade do leitor é acatada e quando o leitor, ele mesmo, aceita-se como o eu que perde e ganha sua identidade no confronto com o texto” (ZILBERMAN, 2011, p. 90).

Entretanto, é mister considerarmos que interpretação não é sinônimo de leitura, há algumas restrições que decorrem do processo de interação entre o leitor e o texto. Para Cosson (2006, p. 40), “por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”.

Diante disso, é necessário ter em conta alguns fatores, tanto dados pelo próprio texto, quanto dados pelo leitor, através da utilização da língua, já que para Borba (2003, p.79) “uma síntese das relações entre a língua e cultura costuma ser feita pela observação da maneira como a realidade é representada pela língua”, ou seja, ainda nas palavras do autor, “ela organiza a realidade e guia a atividade mental do indivíduo na análise de sua experiência com o mundo e a vida”.

Para tanto, convém que apresentemos nosso objeto de análise:



Figura 1: Poema "Os buracos no espelho" - Arnaldo Antunes e Edgard Scandurra

Os buracos do espelho

o buraco do espelho está fechado
agora eu tenho que ficar aqui
com um olho aberto, outro acordado
no lado de lá onde eu caí

pro lado de cá não tem acesso
mesmo que me chamem pelo nome
mesmo que admitam meu regresso
toda vez que eu vou a porta some

a janela some na parede
a palavra de água se dissolve
na palavra sede, a boca cede
antes de falar, e não se ouve

já tentei dormir a noite inteira
quatro, cinco, seis da madrugada
vou ficar ali nessa cadeira
uma orelha alerta, outra ligada

o buraco do espelho está fechado
agora eu tenho que ficar agora
fui pelo abandono abandonado
aqui dentro do lado de fora

Fonte: Site oficial do artista. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/index.html>

Em uma primeira leitura superficial, poderíamos dizer que é evidente que o texto trata de um poema em virtude de sua composição, cujos versos estão dispostos graficamente em estrofes, não obedecendo a uma estrutura de orações, parágrafos e períodos característicos da prosa. Em um segundo momento, podemos atentar também para a existência de rimas entre os versos, o que ainda não é suficiente para tornar um texto literário, pois, para Reis (1997, p. 145, grifo do autor), “a enunciação poética pode alhear-se radicalmente de muitas das regras estipuladas ao longo dos tempos em perceptivas diversas, por exemplo, cultivando o **verso livre** e a **rima branca**”.

Ao observarmos o poema de Antunes, ainda podemos perceber que a ausência de letras maiúsculas contribui para a constituição do discurso literário inerente ao gênero, já que desobrigam a utilização da gramática normativa da língua em um contexto de liberdade poética.



Ademais, a construção de imagens paradoxais entre “os buracos do espelho” do título, os quais poderiam sugerir espaços vazios quebrados; e os “buracos do espelho” do corpo do texto, que desta vez referem-se a passagens secretas para um universo paralelo ao mundo do sujeito poético, traz ao texto mais uma vez a conotação literária. A construção semântica e formal do discurso poético-literário fica por conta da organização de rimas ricas, perfeitas ou toantes, organizadas no final de cada verso, portanto, externas e alternadas quanto à posição na estrofe. Podemos observar algumas das características descritas nos exemplos a seguir: “fechado/acordado, aqui/caí, acesso/regresso”, já que o primeiro par é externo, alternado, enquanto o segundo é rima rica e o terceiro é perfeita.

Ainda analisando o poema, em “quatro, cinco, seis da madrugada”, a produção de determinado sentido, advindo da enumeração das horas, só acontece em virtude da disposição das palavras baseadas no caráter linear da língua, em Saussure (2012, p.172), “colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos”. Também podemos observar a relação sintagma/paradigma com as palavras “água, sede e dissolve”, chamadas por Saussure de “relações associativas”, bem como “abandono e abandonado” e outros pares do poema, já que para Saussure (ibid., p.175) “uma palavra qualquer pode evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra”. Em se tratando do eixo, podemos observar a relação paradigmática estabelecida pela escolha das palavras “sede e cede”, em que a troca dos fonemas logicamente modifica a imagem acústica atribuída à palavra.

Em face do exposto, também é necessário que observemos a significação pragmática das palavras no contexto do texto literário. No terceiro verso, por exemplo, “com um olho aberto, outro acordado”, percebemos que embora “estar com olho acordado”, naturalmente, implique “estar de olhos abertos”, na construção da literariedade do texto, o poeta não tem essa preocupação, pois extrapola a significação da palavra imposta pela semântica convencional e coloca o uso de aberto e acordado como adjetivos que caracterizam o olho de maneira diversa. Sob a ótica de Benveniste, a forma sonora em “aberto e acordado” condiciona e determina o significado das palavras, mas vai ser o uso que a comunidade de fala atribuir a esses signos que vai lhes dar significação (BENVENISTE, 1989, p. 220 apud BARBISAN e FLORES, 2012, p.15).



O mesmo acontece com “uma orelha alerta, outra ligada”, em que “ligada” e “alerta” carregam consigo significados diferentes, uma vez que sintaticamente estão organizadas no período através da coordenação alternativa. Para Saussure (2012, p.39), “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”, ou seja, “em nosso campo, nada de semelhante ocorre”.

Nas palavras de Reis, essa possibilidade semiótica da palavra acontece por ela se tratar de um signo literário. O autor afirma que

Um **signo** é, por natureza, um veículo de semiose e, como tal, um substituto representativo: ele **significa** e **comunica**. Funcionando pela articulação de um **significante** e de um **significado** solidários entre si, um **signo** é, pois, de certa forma uma entidade **dupla**, na medida em que é **marca** de uma **ausência**. (REIS, 1997, p.147, grifo do autor).

Ainda sob essa perspectiva, podemos também pontuar sobre o efeito de sentido provocado pela organização de palavras próximas através da aliteração. Isso pode ser observado no fragmento “na palavra sede, a boca cede”; ou construindo significados através do uso da mesma palavra com sentidos diferentes, como em “agora eu tenho que ficar agora”, em que “agora”, mesmo que graficamente seja uma palavra homógrafa e homófona, tem um peso semântico diferente, conforme Saussure (2012, p. 153, grifo do autor) “quando numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão [...]”. No entanto, como continua afirmando o autor, toda vez que emprego a palavra “Senhores!” estabeleço um novo ato, relação essa que ao que tudo indica pode ser orquestrada por um grande terceiro conceito que sustenta a arquitetura binária de Saussure: o valor.

Tangente à questão de valor, Flores e Teixeira (2009, p. 82, grifo dos autores), ao tratarem dos conceitos de sistema e valor em Benveniste associados à influência que o uso, pelo sujeito, tem sobre esse sistema - agregando significado ao signo linguístico - afirmam que “assim, *o homem está na língua* e a própria noção de *valor* é testemunho disso. O *valor* é correlativo ao uso da língua e o uso é uma das marcas do sujeito na língua.”.

Outro fato que podemos considerar na análise do poema de Antunes é a possível relação estabelecida, a qual necessita de um novo olhar, entre “Os buracos no espelho” com a consagrada obra “Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá” de Lewis Carroll, cuja



primeira publicação data de 1871. No livro, assim como no poema, a personagem enfrenta desafios em um mundo paralelo do outro lado do espelho. O poema traz em seu enunciado a angústia do sujeito poético metaforicamente preso dentro do espelho “o buraco do espelho está fechado/agora eu tenho que ficar agora/ fui pelo abandono abandonado/ aqui dentro do lado de fora”; relação essa presente em outros tantos clássicos como, por exemplo, “A metamorfose (1915)” de Franz Kafka.

Todas essas relações se dão devido à leitura que fazemos do texto e as relações que somos capazes de estabelecer através dos conhecimentos prévios possuídos, os quais certamente variam de leitor para leitor. Para Michèle Petit (2008, p.26), “os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção”. Essa acolhida de outros textos, que acontece através do preenchimento de lacunas, pré-requisito da constituição da textualidade, se dá através da intertextualidade. Para Reis,

a aceitação do conceito de **intertextualidade**, tal como o temos vindo a descrever, e a sua dinamização em termos operatórios, permite encarar o texto literário não de um ponto de vista imanente, como entidade fechada sobre si mesma, mas como elo de uma cadeia de produção **dialógica**. Assim, é possível ler num texto literário a projeção variavelmente visível de outras práticas textuais, sem que isso o desvalorize, como entidade que carece de originalidade; pelo contrário [...] (REIS, 1997, p. 190, grifo do autor)

Outra relação dialógica possível é a que o poeta/compositor estabelece entre a letra “Buraco” do CD “O Silêncio” com o poema “Os buracos no espelho” já que quando apresenta na composição “o buraco ensina a caber/ a semente a não caber em si”, esse “caber em si” pode estar relacionado a ficar preso no “buraco do espelho”, uma vez que o objeto espelho possui a função de retratar a própria imagem. Além disso, o arranjo musical da canção, com objetos caindo, vidros aparentemente sendo quebrados e entulhos sendo empilhados provoca aflição semelhante no ouvinte à produzida pelo verso “mesmo que me chamem pelo nome/mesmo que admitam meu regresso/toda vez que eu vou a porta some” do poema.



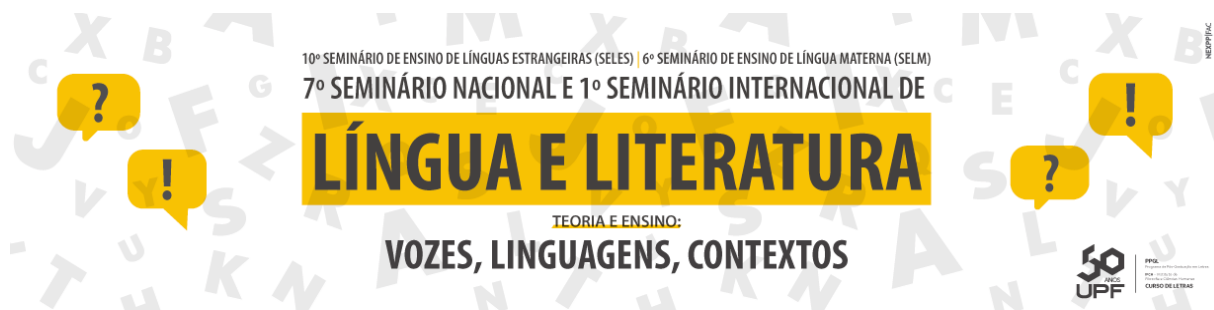
Ademais, podemos ler o poema de Arnaldo Antunes através da interpretação construída na cena do filme *Bicho de Sete Cabeças*⁵, em que os versos estão escritos no concreto da parede e o personagem demonstra toda a angústia de estar preso em si mesmo, em sua própria mente, no buraco de seu próprio espelho. A respeito dessa leitura em outros meios, Lucia Santaella (2012, p.230) pontua que “o espaço virtual gerado pelas redes de computadores funciona como um novo meio. Abre-se com ele uma miríade de oportunidades que expandem o conceito de literatura em função da emergência de novas formas de criação literária.”.

Tangente à organização referente à categoria semântica de nível fundamental, podemos afirmar que os elementos de nível superficial que compõem o texto apresentam a oposição de base /pertencimento/*versus*/não pertencimento/, já que o eu-lírico afirma estar “aqui dentro/do lado de fora”, ou seja, embora pertença a um grupo social, a um mesmo mundo dos demais, está preso dentro de si (do espelho), e excluído (pelo abandono abandonado). Para Fiorin (2016, p. 21), “a Semântica de nível fundamental abriga as categorias que estão na base da construção de um texto”. Quanto ao segundo nível de análise do discurso proposto por Fiorin, o nível narrativo, podemos observar que o poema não apresenta uma transformação em sua narrativa, apenas o estado final.

Todavia, fica subentendido o fato de que antes de estar “preso do lado de cá onde eu caí”, ele estava “fora” dos buracos do espelho, estabelecendo, destarte, a transformação de um estado a outro, mesmo assim, o aproximando do texto descritivo. Já o nível da manifestação - que no dizer de Fiorin (ibid., p. 45) é “a união de um plano de conteúdo com um plano de expressão” - fica a cargo da construção do conteúdo através da recriação característica do texto poético, lançando mão de efeitos estilísticos como o ritmo e as figuras de linguagem, construção que já exploramos ao longo de nossa análise, tendo, portanto, “novos sentidos agregados pela expressão ao conteúdo” (FIORIN, ibid. p.45).

Assim, fica evidente que o poema por se tratar de um texto poético, de construção lírica, exige um leitor com competência linguística e literária capaz de fazer as inferências necessárias para boa compreensão. A pluralidade das palavras, construída através da pragmática, o arranjo

⁵ *Bicho de Sete Cabeças* é um filme de drama brasileiro de 2000 dirigido por Laís Bodanzky e com roteiro de Luiz Bolognesi baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, *Canto dos Malditos*.



lógico semântico e sintático dos versos também auxilia na construção dos efeitos de sentido produzidos, contribuindo à integralidade do texto enquanto gênero textual poesia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, tratar Arnaldo Antunes como um artista completo não é exagero. Através de suas composições, ele consegue manipular a língua a fim de criar efeitos de sentido que ultrapassam a pura decodificação de palavras. O compositor utiliza da extrapolação dos sentidos permitida pelos atos de fala para construir textos reflexivos e literários.

Com o poema “Os buracos no espelho” não foi diferente. Através da combinação de palavras e posicionamento do sujeito poético no discurso em relação a um “tu”, construiu um texto lírico que estabelecia com o leitor atento um diálogo, que por vezes parecia ser um monólogo com o “eu” interior, capaz de provocar diversas sensações. Interpretações idiossincráticas essas embasadas pelas diversas intertextualidades presentes no poema. Esses múltiplos olhares, aliados a toda consistência poética de ritmo e figuras de construção e linguagem, cumprem em Antunes o papel de bom texto e provocavam no leitor, catarse. Igualmente, a sensibilidade em brincar com as palavras semelhantes, em relação ao eixo sintagma/paradigma estabelecido por Saussure (2012), alterando fonemas, significantes e significando através da construção de diferentes imagens sonoras, faz do poema de Antunes uma prototípica enunciação discursiva, carregada de intencionalidades, marcadores temporais e posicionamentos de um “eu” frente a um “tu”, construído pelo eu-lírico.

Embora este breve artigo possa enriquecer de forma modesta as análises acerca da produção literária “Os buracos no espelho”, de Arnaldo Antunes, apresentando uma leitura sobre a imbricação linguística e literária deste poema e a consequente construção de sentido decorrente desta associação, o trabalho não se esgota. Ainda é possível estabelecer outras associações, como as relações de correspondência entre o poema e sua versão adaptada à música ou a correspondência com outras composições do autor, a fim de compreender a linha tênue que baliza as produções artísticas, sonoras ou gráficas, deste e de outros artistas, estabelecendo vínculos entre a língua que ora se transforma em arte e a arte que se apresenta na e pela língua.

LÍNGUA E LITERATURA

TEORIA E ENSINO:

VOZES, LINGUAGENS, CONTEXTOSPPG
LÍNGUAS
E LINGÜÍSTICA
CURSO DE LETRAS**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, A. *Os buracos no espelho*. Rio de Janeiro: O Globo, 27 jul. 2009. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=210>. Acesso em 15 jul 2017.

_____. *O Buraco no Espelho* (Cena do filme “Bicho de Sete Cabeças”). [s. l.]: Youtube. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=U10cf5wfw_g>. Acesso em: 15 jul 2017.

_____. *O Buraco*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=k2unu0ebaGA> >. Acesso em: 15 jul 2017.

_____. *O Silêncio*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=t2FA0BDS_4Y >. Acesso em: 15 jul 2017.

_____. *Lavar as mãos*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LwhW7Uw7Fp8>>. Acesso em: 15 jul 2017.

_____. *Socorro*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7pRIHTB4YtI>>. Acesso em: 15 jul 2017.

_____. *A casa é sua*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=82aj1Bg8FpA>>. Acesso em: 15 jul 2017.

_____. *A casa é sua*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=82aj1Bg8FpA>>. Acesso em: 15 jul 2017.

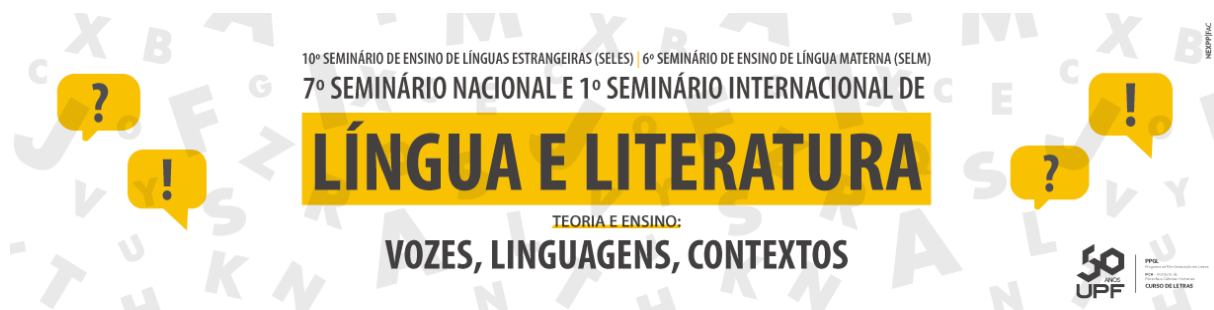
_____. *Saiba*. [s. l.]: Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=r4WEV9rA3hY&t=179s>>. Acesso em: 15 jul 2017.

ARNALDO ANTUNES. 2004-. *Site oficial*. Disponível em: <<http://www.arnaldoantunes.com.br/new/index.php>>. Acesso em: 14 jul 2017.

BARBISAN, Leci; FLORES, Valdir do Nascimento. *Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística*. In.: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

BICHO DE SETE CABEÇAS. [s.l.]: Wikipedia. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Bicho_de_Sete_Cabe%C3%A7as>. Acesso em: 25 jul 2017.

BORBA, Francisco da Silva. *A linguística*. In.:____. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Campinas, SP: Pontes, 2003.



COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J.L. *Pragmática*. In: J. L. FIORIN (org.), *Introdução à linguística: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

GARDEL, André. *A letra múltipla de Arnaldo Antunes, o pedagogo da estranheza*, [s.l.]: [s.n.], 2006. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=120>. Acesso em: 20 jul 2017.

LANGER, Judith. *Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/manguel-uma-histc3b3ria-da-leitura.pdf>>. Acesso em: 24 jul 2017

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. São Paulo: Cultrix, 2000.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

SANTAELLA, Lucia. *Para compreender a ciberliteratura*. In.: *Texto Digital* (Revista do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística /NuPILL do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina). Volume 8. Número 2. jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229/23637>>. Acesso em: 25 jul 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura literária e outras leituras*. In.: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (Orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.